Negociações Resultados pouco satisfatórios em Baku devem pressionar presidência brasileira

COP30 pode ser marco na participação de empresas e sociedade

Marina Zanatta (esq.), Sandra do Vale Wapichana, Viviane Romeiro, Flávia Teixeira e Carolina Dávila Prado participaram de debate mediado por Daniela Chiaretti

Camila Zanon e Paulo Mortari
De Fim

A emergência climática está diretamente em seu limite, vários quadros de registo estão no Brasil e no mundo e as últimas décadas mostra que é necessário redobrar esforços e buscar de maneira coletiva para enfrentar e aquecimento global. A discussão, apontam especialistas e representantes do setor privado, deve ser acima da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, em novembro de 2025, em Belém, no Pará.

A COP30, primeira na região amazônica, ocorrerá em meio ao marco de dez anos do Acordo de Paris, que norteia ações climáticas para frear as mudanças climáticas e evitar de nem a cooperação das Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs), metas de emissões que precisam ser redefinidas pelos países e cada vez mais.

Resumindo sobre a possibilidade de haver uma conferência em um ano de tensões geopolíticas de uma nova composição de uma nova ordem mundial, a ser ocorrer pelo Brasil, no período especialista e líderes de entidade e ativistas brasileiros.

Em reportagem publicada na segunda-feira, 9 de dezembro, o jornal Valor ouviu 20 especialistas e representantes do setor privado, entre eles ex-ministros, diretores de entidades e ONGs, sobre o que esperam da COP30 e de suas consequências para o Brasil e o mundo. Entre os pontos mais citados por eles estão a necessidade de ampliar a participação da sociedade civil e de povos indígenas, a necessidade de ampliar a participação do setor privado e a necessidade de ampliar a participação do setor privado.

Carolina Dávila Prado, head de sustentabilidade da Suzano, e Sandra do Vale, da Wapichana, ressaltaram que a participação de povos indígenas e comunidades tradicionais é essencial para que a COP30 seja bem-sucedida. Para Dávila Prado, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados. Sandra do Vale, por sua vez, ressaltou a importância de que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Viviane Romeiro, diretora de clima, energia e finanças sustentáveis do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), ressaltou que a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Flávia Teixeira, diretora de clima, energia e finanças sustentáveis do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), ressaltou que a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Carolina Dávila Prado, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Sandra do Vale, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Viviane Romeiro, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Flávia Teixeira, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Um dos objetivos é dar escala a soluções sustentáveis

Vinicius Nader
O Globo, do Rio

A realização da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30) em Belém (PA), perto de metade do período em que ainda da Amazônia, serviu de forma para aquecer ainda mais o que o que o setor de clima e economia vem tentando de diversas partes do mundo: que soluções de desenvolvimento e economia sustentável ganhem escala e sejam geradoras de oportunidades para o Brasil, segundo especialistas e líderes de entidade e ativistas brasileiros.

Em reportagem publicada na segunda-feira, 9 de dezembro, o jornal Valor ouviu 20 especialistas e representantes do setor privado, entre eles ex-ministros, diretores de entidades e ONGs, sobre o que esperam da COP30 e de suas consequências para o Brasil e o mundo. Entre os pontos mais citados por eles estão a necessidade de ampliar a participação da sociedade civil e de povos indígenas, a necessidade de ampliar a participação do setor privado e a necessidade de ampliar a participação do setor privado.

Carolina Dávila Prado, head de sustentabilidade da Suzano, e Sandra do Vale, da Wapichana, ressaltaram que a participação de povos indígenas e comunidades tradicionais é essencial para que a COP30 seja bem-sucedida. Para Dávila Prado, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados. Sandra do Vale, por sua vez, ressaltou a importância de que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Viviane Romeiro, diretora de clima, energia e finanças sustentáveis do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), ressaltou que a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Flávia Teixeira, diretora de clima, energia e finanças sustentáveis do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), ressaltou que a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Carolina Dávila Prado, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Sandra do Vale, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Viviane Romeiro, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Flávia Teixeira, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Ana Lucia Azevedo, de Belém (esq.), mediou debate com Ricardo Young, do IDS, Elbia Gannoum, da Apexi e Tatiana Prazeres, do Ipam e Tatiana Prado, da FGV

Entrevista Emma Cox avalia que a ocorrência de eventos climáticos extremos pode obrigar os países a serem mais resolutivos em suas metas

'Meta de financiamento de US$ 300 bilhões é um ponto de partida'

Luiz Martins-Vargas
Do Valor, de Londres

Cingapura está satisfeita com os frutos resultados da COP23, de Baku, na Azerbaijão, com a meta de US$ 300 bilhões no financiamento destinados à transição energética em países em desenvolvimento é um ponto de partida, diz Emma Cox, líder global da área de mudanças climáticas da consultoria PwC.

Cox diz que o Brasil "tem uma visão clara de como quer conduzir o diálogo, dando voz à sociedade civil" ao realizar a COP30 em Belém, na região amazônica. Apesar disso, recomenda ao diálogo político que a agenda climática seja com a volta de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos.

Ela acredita que o governo de eventos extremos, como catástrofes, secas, queimadas e furacões pode coagir os países a serem mais resolutivos na agenda de combate às mudanças climáticas. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Valor: Como você avalia os resultados da COP23?

Emma Cox: Conseguimos um acordo sobre a Nova Meta Coletiva Quantificada para o Financiamento Climático (NCQG), e que ponto mínimo. A meta de financiamento de US$ 300 bilhões é significativa, embora insuficiente. Países em desenvolvimento ficaram decepcionados com a ausência de metas que priorizassem doações em vez de empréstimos, evitando o aumento das dívidas públicas. Embora ainda seja totalmente satisfeita, é um ponto de partida. Por outro lado, foi preciso um acordo colaborativo entre os NDCs de Reino Unido, Brasil e Estados Unidos. Muitos países ainda aguardam das lideranças nos anos de transição entre os compromissos.

Valor: Quais são as expectativas para a COP30, no Brasil, considerando a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris?

Cox: O contexto geopolítico é desafiador e os resultados eleitorais nos EUA tornam tudo mais complexo. Porém, o progresso não depende do um país, mas sim de ações impulsionadas por cidades. Ainda assim, é fundamental os desdobramentos políticos. O Brasil tem uma visão clara de como quer conduzir o diálogo, envolvendo a sociedade civil e a sociedade civil e a sociedade civil.

Valor: Como pode ser a agenda de mudanças climáticas do Brasil na sua opinião?

Cox: O país enfrentará grandes desafios, especialmente devido à possível decisão dos Estados Unidos de sair do Acordo de Paris. Ainda assim, o Brasil tem uma oportunidade de liderar a agenda climática, com a ênfase na adaptação e na mitigação. Os países devem trabalhar juntos para fortalecer os compromissos nacionais e alcançar os objetivos do Acordo de Paris.

Valor: Como pode ser a agenda de mudanças climáticas do Brasil na sua opinião?

Cox: O país enfrentará grandes desafios, especialmente devido à possível decisão dos Estados Unidos de sair do Acordo de Paris. Ainda assim, o Brasil tem uma oportunidade de liderar a agenda climática, com a ênfase na adaptação e na mitigação. Os países devem trabalhar juntos para fortalecer os compromissos nacionais e alcançar os objetivos do Acordo de Paris.

Valor: Como pode ser a agenda de mudanças climáticas do Brasil na sua opinião?

Cox: O país enfrentará grandes desafios, especialmente devido à possível decisão dos Estados Unidos de sair do Acordo de Paris. Ainda assim, o Brasil tem uma oportunidade de liderar a agenda climática, com a ênfase na adaptação e na mitigação. Os países devem trabalhar juntos para fortalecer os compromissos nacionais e alcançar os objetivos do Acordo de Paris.

Emma Cox: "Contexto geopolítico é desafiador e os resultados eleitorais nos EUA tornam tudo mais complexo"

Um dos objetivos é dar escala a soluções sustentáveis

Vinicius Nader
O Globo, do Rio

A realização da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30) em Belém (PA), perto de metade do período em que ainda da Amazônia, serviu de forma para aquecer ainda mais o que o que o setor de clima e economia vem tentando de diversas partes do mundo: que soluções de desenvolvimento e economia sustentável ganhem escala e sejam geradoras de oportunidades para o Brasil, segundo especialistas e líderes de entidade e ativistas brasileiros.

Em reportagem publicada na segunda-feira, 9 de dezembro, o jornal Valor ouviu 20 especialistas e representantes do setor privado, entre eles ex-ministros, diretores de entidades e ONGs, sobre o que esperam da COP30 e de suas consequências para o Brasil e o mundo. Entre os pontos mais citados por eles estão a necessidade de ampliar a participação da sociedade civil e de povos indígenas, a necessidade de ampliar a participação do setor privado e a necessidade de ampliar a participação do setor privado.

Carolina Dávila Prado, head de sustentabilidade da Suzano, e Sandra do Vale, da Wapichana, ressaltaram que a participação de povos indígenas e comunidades tradicionais é essencial para que a COP30 seja bem-sucedida. Para Dávila Prado, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados. Sandra do Vale, por sua vez, ressaltou a importância de que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Viviane Romeiro, diretora de clima, energia e finanças sustentáveis do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), ressaltou que a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Flávia Teixeira, diretora de clima, energia e finanças sustentáveis do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), ressaltou que a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Carolina Dávila Prado, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Sandra do Vale, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Viviane Romeiro, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Para Flávia Teixeira, a COP30 deve ser um momento de reflexão e de ação para que os povos indígenas e comunidades tradicionais sejam ouvidos e tenham seus direitos respeitados.

Editora Globo apresenta projeto especial para a COP30

Vinicius Nader
O Globo, do Rio

João Alegria (esq.), Mario Netto, Rafaela Gandra e Roberto Feroz detalham planos para cobertura da COP em Belém